

Movimento estudantil morreu?

Quem é o estudante universitário hoje? Para que estudar os estudantes hoje? Qual a identidade possível para este movimento? É possível sonhar com novas, utopias? Como captar sem os olhos do passado este presente, de desestruturação e desagregação das entidades e representações estudantis? Nenhuma destas questões foi solucionada ontem durante a sessão da SBPC que discutiu a Universidade e o movimento estudantil: passado e presente. Mas quando menos a sessão serviu para abrir os olhos e as mentes para o futuro do movimento, que é afinal de contas, o que importa.

Irene Cardoso, socióloga da USP, mostrou a "vertigem do tempo" em que vi eram os antecessores de nossos atuais estudantes, os militantes de 68. De maneira quase poética, Irene descreveu a trajetória que, num curtíssimo espaço de tempo, conduziu os estudantes de 68 da celebração da vida, num movimento em ascensão que antecedeu à decretação do AI-5, ao encontro, com a morte, jogados na clandestinidade, sem opção política a não ser a luta armada.

Maria Célia, também da USP, apresentou as primeiras elaborações da pesquisa que desenvolve à procura desta nova identidade estudantil, num universo onde inexistente um projeto coletivo unitário dos estudantes. Pelo contrário, Célia demonstrou que, pelo menos na USP, a realidade é o afastamento do universitário da universidade, levado pela insatisfação com as aulas, os professores, os currículos.

Analisando o debate em torno da crise da universidade e da crise do movimento, Célia conclui que em nenhum dos casos o estudante aparece como agente participativo, mas como uma figura montada para provar a debilidade da universidade e do movimento. Na verdade, segundo Célia, o que existe hoje são experiências diferenciadas, sendo impossível construir o tipo universitário médio, inexistindo um referencial claro para definir este estudante dos anos 80.

Hoje, 20 anos mais tarde, o movimento estudantil a seu ver se bate com a imagem de 68, numa discussão fragmentada, desbancado de sua força inovadora, atropelada por outros movimentos sociais dentro da universidade, como o dos docentes e dos funcionários. Trata-se, disse Célia, de resgatar o chão cultural onde o movimento estudantil se forma: na sala de aula, na cidade, na afetividade, na relação com a cultura, com as associações comunitárias.

Prêmio é incentivo a economistas

Resgatar a idéia do planejamento econômico de médio e longo prazo, com a abertura para a participação de milhares de economistas e estudantes, é o objetivo do primeiro Prêmio Brasil de Economia, promovido pelo Banco do Brasil e pelo Conselho Federal de Economia (CFE), cujas inscrições encerram-se no próximo dia 31.

— É preocupante que a sociedade brasileira esteja hoje hipnotizada por números de curtíssimo prazo, como a inflação do mês passado, ou até mesmo a taxa da LBC no dia. Deveríamos estar pensando na inflação do ano e em projetos para a próxima década — desabafou ontem o presidente do CFE, Renato Ilgenfritz, lembrando que inúmeros problemas atravessaram as últimas décadas, sem que o País tenha enfrentado a sua solução.

O Prêmio Brasil de Economia, para ele, é uma tentativa de levantar o patrimônio de idéias latente entre os estudantes e economistas, e divulgá-lo, de forma a abrir o debate.

— As últimas tentativas de planejamento a longo prazo que tivemos foram o plano de Metas, de Juscelino, e as Reformas de Base, que levaram à queda de Jango. Desde então, tivemos muito pouco neste sentido, além do desserviço do Delfim Netto, que nunca escondeu que não acredita em planejamento — acrescentou Ilgenfritz.

— O planejamento de longo prazo é a forma de se fazer com que o Estado volte a estar a serviço da sociedade, e não apenas taxando a sociedade conforme suas necessidades aleatórias de recursos — argumenta Ilgenfritz.

O Prêmio Brasil de Economia está recebendo trabalhos que se enquadrem no tema O Estado e a Economia no Brasil, embora sem esgotar necessariamente todos os aspectos de um assunto tão abrangente.

— Dentro desse tema, praticamente não se exclui qualquer aspecto relevante do País nos dias de hoje. Se você fizer um trabalho sobre juros agrícolas,

sobre política industrial ou sobre novos lançamentos de títulos na bolsa de valores, está pensando na presença do Estado. O tema é quase livre, porque não nos interessa limitar, mas abrir o debate a todos os problemas — acrescentou.

Os trabalhos a serem inscritos devem ser datilografados, até o máximo de 100 páginas, na categoria de economista, ou até 60 páginas, na categoria de estudante. Na primeira categoria, os trabalhos classificados nos três primeiros lugares receberão prêmio de 500, de 250 e de 125 OTNs, respectivamente. Na categoria de estudantes, os prêmios são de 200, 100 e 50 OTNs.

Para inscrever um trabalho no Prêmio Brasil de Economia, o candidato deverá fazer primeiramente sua pré-inscrição, em qualquer agência do Banco do Brasil, adquirindo o regulamento oficial ao preço de Cz\$ 100,00 e preenchendo alguns dados preliminares.

— A pré-inscrição foi adotada para que o BB e o CFE tenham antecipadamente uma idéia do volume de trabalhos a serem julgados, podendo então formar comissões julgadoras regionais, conforme for necessário. Imagine que, se houver cinco mil trabalhos inscritos, haja comissão para fazer uma triagem regional dos melhores... — argumentou.

Ilgenfritz acrescentou que o Prêmio Brasil de Economia "é um laboratório de idéias" para se tentar superar a preocupação exclusiva com problemas de curtíssimo prazo".

— Precisamos parar de agir apenas ao sabor dos acontecimentos, tapando buracos aqui e ali na medida em que vão crescendo. Não adianta procurar aqui e ali na medida em que vão crescendo. Não adiante procurar aqui e ali a origem do déficit público, para fechar o buraco, porque o déficit é o produto do enorme endividamento do Governo e das empresas estatais, na época do milagre. Agora, estamos pagando a conta do milagre — concluiu.

Coordenação tem balanço otimista

Cerca de 70 mil pessoas circulando o dia inteiro em seis dias de programação, sem nenhum incidente, apesar de não haver policiamento ostensivo no campus da UnB. Resultados surpreendentes com o programa cultural, sendo que algumas atividades continuarão de pé para testar o interesse do público brasileiro, como o Teatro de Arena. Quebra de recorde desta 39ª reunião em relação ao ano passado, com uma diferença de 284 inscrições em favor de Brasília (a 38ª, em Curitiba, teve 6.177, e a 39ª, 6.461).

Estes dados foram apresentados ontem pelo reitor da Universidade de Brasília, Cristóvam Buarque, a propósito da realização da 39ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. No que diz respeito à contribuição brasileira para o bom êxito do encontro de cientistas brasileiros, o reitor da UnB tem dados suficientes para estar satisfeito: dos 2.697 trabalhos apresentados, a Universidade de Brasília apresentou 200; e dos 1.631 estudantes inscritos, 472 eram do DF, sendo 399 destes da UnB.

A professora Carolina Mori, presidente da SBPC, também considerou favorável o balanço final da reunião realizada em Brasília, que teve um dado novo: cerca de 200 alunos-pesquisadores foram trazidos de vários estados para expor seus inventos na capital federal. Explicou a ênfase dada neste encontro aos simpósios multidisciplinares.

— Quisemos realmente modificar aquela feição de denúncias. A SBPC foi muito isso. Foi palco de denúncias candentes. O que a gente tentou fazer foi dizer um "não" à denúncia pela denúncia, voltando para o conhecimento que se tem sobre um determinado problema. Isso é possível de uma maneira mais completa quando se tem o ponto de vista de pessoas de especializações diferentes. E isto nós conseguimos fazer com os simpósios multidisciplinares desta reunião aqui em Brasília.

Dos 100 simpósios multidisciplinares, só seis foram cancelados. Das 50 conferências, cinco foram canceladas. Dos 38 cursos, dois não funcionaram. Das 34 sessões de Comunicação, cinco não ocorreram. E dos 124 painéis, apenas um foi cancelado. Com base nestes dados, João Luis Homem de Carvalho, secretário-geral da SBPC-DF, estava eufórico, "porque esta reunião foi maior que a anterior, de Curitiba, e teve menos temas cancelados".